

Projeto de Pesquisa de Pós-Doutoramento

Candidata: Mônica Ferreira Corrêa

Supervisor: Osvaldo Frota Pessoa Jr.

O NEGACIONISMO DO SOFRIMENTO ANIMAL

Programa de Pós-Doutorado

Departamento de Filosofia

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

Outubro de 2022

Título: O negacionismo do sofrimento animal

1. Estado da arte

Este projeto apresenta as características de uma pesquisa de pós-doutorado a ser desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade dSão Paulo/USP. Trata-se de *compreender filosoficamente os mecanismos envolvidos na postura humana indiferente em relação às condições de vida e morte dos animais usados para consumo*.

O sofrimento e o abate dos animais nas sociedades contemporâneas estão bem documentados na literatura, como nos trabalhos de Ruth Harrison (1964), Peter Singer (1975), Sue Donaldson e Will Kymlicka (2011), Jan Deckers (2016), Christine Korsgaard (2018) e outros. O sofrimento animal é, em grande medida, causado pelas ações humanas e sobre isso há uma oferta abundante de informações (matérias, vídeos, documentários etc.) nas mais diversas mídias. Só em 2018, cerca de 71 bilhões de animais terrestres foram abatidos no mundo, sendo que, desse total, só o Brasil sacrificou aproximadamente 39 milhões de bois, promovendo-o ao primeiro lugar no triste *raking* de abates desses animais no mundo. Sem falar nos quase 100 bilhões de toneladas de peixes mortos no mesmo ano ([Infographics - Faunalytics](#); 01/09/2022; 19:28h). Os dados quantitativos são chocantes, mas sabemos que há aspectos ainda mais revoltantes, ou se não tão revoltantes quanto, relacionados às péssimas condições de vida desses animais.

Contudo, o aumento do sofrimento e do abate dos animais para uma escala industrial parece não ter sensibilizado grande parte da população mundial, pelo menos não de forma explícita. As manifestações e protestos em defesa dos animais ainda são tímidos e pouco significativos frente à *indiferença* generalizada. Sem dúvida que há um aumento do número de pessoas que reduziu ou retirou por completo os produtos de origem animal da própria alimentação – no Brasil, em 2018, 14% da população se declarou vegetariana ([Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil \(svb.org.br\)](#)) e, em 2021, 46% dos brasileiros deixam de comer carne uma vez por semana, por vontade própria ([46% dos brasileiros não comem carne por vontade própria ao menos uma vez por semana - Revista Globo Rural | Economia](#)). Mas daí não podemos afirmar quantas o fizeram por se sensibilizarem com a causa animal. Muitos migraram para uma dieta vegetariana motivados pela busca de uma alimentação mais saudável, sem visar preferencialmente o bem-estar dos animais. A

maioria esmagadora da população mundial mantém o *status quo* da relação abusiva para com os animais, na medida em que vive uma espécie de indiferença.

Um dos mecanismos que provavelmente subjaz a essa espécie de indiferença em relação ao sofrimento dos animais reside na compreensão equivocada de que eles são desprovidos de senciência (capacidade de experimentar determinados estados como positivos e outros estados como negativos – Cunha, 2022, p. 42). O comportamento emocional de forma geral constitui-se em evidência de senciência. Estudos neurocientíficos realizados a partir da segunda metade do século XX apontam a presença de emoções e sentimentos em animais não humanos. Na tese intitulada “A neurociência afetiva de Jaak Panksepp: uma investigação sobre a gênese emocional da consciência” (Corrêa, 2019), investiguei trabalhos recentes das neurociências e da etologia e interpretações filosóficas desses trabalhos que tratam dos sentimentos como senciência ou uma forma de consciência (Panksepp, 2012, 1998; Damásio, 1996, 2011; De Waal, 2019; Bekoff, 2007; Griffiths, 1997; Godfrey-Smith, 2016; Northoff, 2016).

O trabalho de Panksepp é conhecido como um dos mais robustos em afirmar a consciência animal. Sua pesquisa mostra que regiões encefálicas evolutivamente mais antigas do que o córtex cerebral estão associadas a um primeiro nível de consciência, mais precisamente, à senciência. Com essa conclusão, Panksepp amplia o conjunto de espécies animais capazes de experienciar os primeiros estágios de processos conscientes, os quais ele denomina “consciência afetiva” e que se constitui por afetos (homeostáticos, sensoriais e emocionais) positivos e negativos. É justamente a capacidade de sentir dor e prazer, de evitar a primeira e buscar a segunda, que vem sendo apontada, nos estudos de ética animal, como a qualidade distintiva dos seres sencientes que os torna merecedores de consideração moral (Singer, 2010, p. 14).

1.1 Negação e negacionismo

Com o intuito de apresentar o estado-da-arte da maneira como a questão da indiferença em relação ao sofrimento animal vem sendo tratada na literatura científico-filosófica discuto a seguir algumas abordagens recentes. Essa indiferença vem sendo associada aos conceitos de *negação* e *negacionismo*.

No artigo “Silence and Denial in Everyday Life – The Case of Animal Suffering” (2011), a pesquisadora Deidre Wicks indaga sobre as razões pelas quais coexistimos, de modo relativamente indiferente, com o sofrimento animal generalizado. Ela questiona

como podemos viver em meio aos locais e situações de sofrimento como “os laboratórios, as fazendas industriais, os matadouros, os transportes de animais” e ainda assim, de alguma forma, não sabermos de tais fatos. Estamos “cercados” por instalações que mantêm os animais em cativeiro e em condições de sofrimento. Parece que vivemos o paradoxo da coexistência de um estado de “saber” e “não saber”, que se constitui em um obstáculo para os defensores dos animais que “devem se esforçar para falar o indizível, mostrar o invisível e iluminar o incognoscível” (Wicks, 2011, p. 187).

Wicks busca trazer para o âmbito dos estudos animais o conceito de *negação*, tal como empregado por Stanley Cohen (2001), para descrever algumas posturas em relação ao holocausto. A negação pode ser caracterizada como a uma forma de não reconhecer, ignorar ou normalizar uma situação indesejável. Sob uma ótica psicológica, ela é necessária quando o conhecimento causador de estresse cognitivo e emocional se torna disseminado.

Ao investigar a “inação” frente à barbárie do holocausto na segunda guerra mundial, o sociólogo israelense Eviatar Zerubavel observa que “a forma mais pública de negação é o silêncio” (Zerubavel, 2006, p. 4). Essa forma de negação transborda os limites psíquicos do indivíduo para acontecer na intersubjetividade e que, por isso, pode ser compreendida como um processo social. Nesse sentido, Wicks afirma que a negação do sofrimento animal anda lado a lado com um “fenômeno poderoso”, o silêncio, que envolve um “esforço colaborativo”. “Isso fornece um ponto de entrada para compreender o silêncio que cerca a realidade do sofrimento animal” (Wicks, 2011, p. 188).

O termo *negacionismo* foi empregado originalmente como uma reivindicação pseudocientífica para negar o holocausto nazista, e a expressão “negação do holocausto” já podia ser encontrada no início dos anos 1980 (Hansson, 2017). Mas o termo vem sendo também empregado para se referir à negação de conhecimentos que alcançaram consenso na comunidade científica. Em *Merchants of Doubt* (2010), os historiadores da ciência estadunidenses, Naomi Oreskes e Erik Conway, investigam como os malefícios do tabaco, as mudanças climáticas e sua relação com a atividade humana, além de outros consensos alcançados pelas ciências, foram (e continuam sendo) sistematicamente negados por interesses financeiros ou ideológicos.

A pesquisa de Oreskes tinha inicialmente como objeto de estudo as mudanças climáticas. Ela constatou que apesar do consenso científico sobre o aquecimento global e da influência humana neste fenômeno, o debate público sobre esse assunto tratava as questões como ainda polêmicas e inconclusivas sob a perspectiva científica. Conforme a

pesquisa se desenvolvia, Oreskes e Conway identificaram que um grupo de cientistas, os “negacionistas”, tentava “obscurecer” as conclusões das ciências, de maneira oposta à comunidade de pesquisadores. Esses negacionistas eram cientistas que haviam sobressaído em seus campos de estudo, mas que passaram a comentar sobre outros temas diferentes de suas áreas de especialidade iniciais, criando controvérsias falsas para desacreditar os consensos. Essa estratégia, conforme Oreskes e Conway (2010), foi primeiramente usada para confundir os resultados científicos sobre a correlação entre o hábito de fumar e certas doenças como o câncer, daí ter ficado conhecida como “estratégia do tabaco”.

Segundo Déborah Danowski (2018), a atitude de negação do ser humano em relação ao sofrimento animal pode ser um tipo de negacionismo motivado pela vontade de evitar intencionalmente o insuportável – as mudanças radicais que devem ser realizadas em nossa vida. Da mesma forma como as mudanças climáticas são negadas em função de medidas inconvenientes que o reconhecimento da situação exige, o sofrimento animal é negado para evitar as alterações nos hábitos alimentares e comportamentais. Danowski sustenta que é preciso compreender o “negacionismo que caracteriza, em graus e formas variados, nossa atitude diante das práticas de criação, confinamento e extermínio em massa de animais nas fazendas-fábricas da agroindústria mundial” (Danowski, 2018, p. 4).

Outros pesquisadores também utilizam o conceito de negacionismo para designar diferentes tipos de argumentação que se aplicam para negar algo acerca dos animais. O filósofo Tomaž Grušovnik (2021) investiga o negacionismo da moralidade animal e destaca a “ansiedade existencial com a finitude” como um dos fatores mais relevantes dessa negação. Para os autores, reconhecer a moralidade dos animais aproxima humanos e não humanos, na medida em que enfatiza as semelhanças de natureza biológica mortal entre as espécies. Lembrar da condição natural e finita é assustador para quem se considera distinto das outras espécies exatamente por sua suposta singularidade cultural transcendente. Dessa forma, Grušovnik chama a atenção para as questões ontológicas envolvidas na postura negacionista de alguns agentes humanos.

Adam See (2021) defende que os filósofos e psicólogos, na medida em que buscaram evitar o viés antropomórfico (a atribuição de características humanas aos não humanos, principalmente, as capacidades cognitivas) dos estudos animais, acabaram por introduzir um novo viés, o “*anthropodenial*” (termo cunhado por Frans de Waal, 2006), que se constitui em uma “predisposição epistêmica para desacreditar as evidências de

hipóteses de continuidade mental” entre as espécies animais (See, 2021, p. 71). Outros filósofos que estudam o mesmo tema, denominam o novo viés como: “antropomorfismo reverso” (Sheets-Johnstone, 1996), “*anthropofabulation*” (Buckner, 2013) e “*anthropectomy*” (Andrews, 2014).

John Sorenson e Atsuko Matsuoka (2021) concentram-se na economia política de um “negacionismo institucionalizado”, por intermédio do exame das estratégias de publicidade e marketing das indústrias de carne animal, concebidas para influenciar as atitudes dos consumidores. O centro da argumentação está em mostrar que a estratégia negacionista consiste em minimizar a percepção do mal relacionado ao abate dos animais, associando-o à “ordem natural” da vida. Da perspectiva desses autores, é necessário compreender o negacionismo associado aos interesses do agronegócio em perpetuar a “exploração e a comoditização” dos animais não humanos (Sorenson & Matsuoka, 2021, p. 146-147).

Os conceitos acima mencionados, nos contextos das respectivas obras, juntamente com as demais fontes relacionadas na seção de referências bibliográficas, constituem uma base científico-filosófica diversificada na qual buscarei investigar os mecanismos envolvidos na indiferença que os animais humanos dispensam às condições de vida e morte dos animais não humanos criados para consumo. No desenrolar da pesquisa, eminentemente na primeira fase que será dedicada a uma revisão bibliográfica mais ampla sobre o assunto, outras fontes devem ser identificadas e incluídas no escopo da investigação.

2. Objetivos

O objetivo geral (OG) da pesquisa proposta neste projeto é ir além das relações já apontadas pelos cientistas e filósofos para fornecer uma compreensão filosófica do fenômeno da indiferença humana frente ao sofrimento imposto aos animais não humanos. Como é possível a convivência silenciosa com as condições de vida e morte impostas aos animais para atender os interesses humanos? Entendo que investigar essa indiferença, por si só, contribui para quebrar o silêncio que se impõe sobre ela e também pode contribuir para fornecer elementos para o agir humano mais condizente com uma ética inclusiva.

.2.1 Objetivos específicos

Em paralelo com o objetivo geral deste projeto descrito acima, uma série de objetivos específicos (OE) podem ser relacionados:

OE1. Identificar *possíveis relações* entre a argumentação que se apoia nas *diferenças* entre os animais humanos e os não-humanos e as estratégias de negação do sofrimento animal. Qual o papel que as supostas *diferenças ontológicas* entre os animais humanos e não-humanos desempenha na indiferença e na negação do sofrimento animal? Qual o papel que a *senciência* pode desempenhar na argumentação contra as tais diferenças?

OE2. Dos argumentos baseados na negação, identificar o objeto comum dessas negações. O *que* exatamente se nega e *quais as razões* apresentadas para essa negação? Há um *negacionismo sistemático* sustentado por grupos interessados em manter a indiferença generalizada em relação à situação imposta aos animais? Se pertinente, quais as *relações* entre os negacionismos histórico, científico e relativo ao sofrimento animal e quais as *implicações éticas* do negacionismo?

OE3. Ao responder às questões acima colocadas, a pesquisa buscará *fornecer elementos* para o *debate público* sobre as condições de vida e morte impostas aos animais não-humanos, para o estabelecimento de *políticas públicas* sobre o tema e para as *instituições não-governamentais* que defendem o bem-estar animal.

3. Metodologia proposta

Uma vez que os conceitos a serem examinados, tais como os de *senciência*, *indiferença*, *negação* e *negacionismo*, são propostos por pesquisadores de diferentes áreas, abrangendo desde as ciências da natureza até as ciências humanas, entendo que uma abordagem filosófica, mais abrangente, será frutífera para a compreensão da postura em questão adotada pelos seres humanos em relação aos animais não-humanos criados para o consumo. O tema envolve questões de natureza científica (em especial, das neurociências), epistemológica (a indiferença e a negação são colocadas em relação a fatos e a conhecimentos), ética (envolve posturas e ações humanas) e política (quando se aponta a existência de um negacionismo sistemático, organizado e financiado por atores interessados na manutenção da indiferença). A pesquisa exige, então, a leitura e

interpretação de textos com abordagens diversificadas e a elaboração de textos que façam convergir de maneira coerente tais abordagens, para a qual a filosofia é muitas vezes a área de saber mais apropriada. Tendo em vista as várias especialidades envolvidas nas questões a serem abordadas (principalmente as neurociências, a psicologia, a etologia, a ética e a epistemologia), penso que a filosofia pode funcionar como instância integradora desses saberes. Isto é, ela pode servir como interface ou como elo interdisciplinar entre essas diversas áreas do conhecimento.

A perspectiva a ser adotada na pesquisa será a de um “naturalismo prudencial”, que buscará “desenvolver um trabalho filosófico baseado numa interação próxima com a investigação científica, [...] mantendo, contudo, a possibilidade, não apenas de reorientar tal colaboração, como de a ela renunciar” (Santos, 2016, p. 54). Isso significa que as diversas fontes científicas serão consideradas da mesma forma que as fontes filosóficas e que se buscará estabelecer um diálogo profícuo entre os conhecimentos científicos e as argumentações filosóficas.

Em princípio, o estudo consistirá na leitura e interpretação dos textos já mencionados anteriormente, mas, no desenvolvimento da pesquisa, outros textos poderão ser incorporados ao trabalho. Tendo em vista a qualidade e profundidade dos trabalhos já publicados, esses constituem uma base que possibilita contemplar o OG, o OE1 e o OE2 e a partir destes, com a elaboração de textos filosóficos acadêmicos e destinados ao público geral, contemplar também o OE3. Os resultados alcançados por essa pesquisa, na forma de revisões bibliográficas e de textos, serão disponibilizados em mídias eletrônicas que permitam o amplo acesso a eles.

Caso o estudo aponte que outras abordagens podem ser importantes para complementar as conclusões obtidas, tal como pesquisas de opinião sobre a percepção pública dos problemas relacionados ao bem-estar dos animais, essas pesquisas serão propostas como desdobramento do atual projeto em uma fase posterior. Contudo, se for esse o caso, o trabalho filosófico será importante para fornecer as bases para a pesquisa empírica subsequente.

4. Perfis: supervisor e pesquisadora

A investigação a ser desenvolvida estará sob a supervisão do filósofo e professor Dr. Osvaldo Frota Pessoa Jr., docente da Universidade de São Paulo/USP em história e

filosofia das ciências e da mente. A escolha do supervisor foi feita devido à proximidade dos temas de interesse, que, inclusive, levaram Pessoa Jr. a participar da banca em minha defesa de tese de doutorado. Suas últimas publicações, “*The colored brain thesis*” (2021) e “*How to measure a quale*” (2019), são em filosofia da mente e abordam temas que convergem com os assuntos envolvidos em minhas pesquisas, como menciono a seguir.

Os estudos que venho realizando sobre emoções, afetos, consciência e cognição dos animais humanos e não-humanos se dão, principalmente, por abordagem filosófico-naturalista com base nas neurociências. Esses conceitos foram discutidos em meus mestrado e doutorado sob a perspectiva de diferentes neurocientistas, como António Damásio (1996), Björn Merker (2007), Joseph Ledoux (1998), mais especialmente sob o ponto de vista de Jaak Panksepp. Parte de minha tese foi publicada, em conjunto com Pessoa Jr., como capítulo do livro “Cognição, emoções e ação”, pelas editoras da Universidade Estadual Paulista/UNESP (2019). Mais recentemente, fui coautora do artigo “As diversas faces da dúvida - ceticismo, negacionismo e confiança nas ciências”, publicado online pela *Revista Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência* (2020). Essas publicações, por abordarem os temas da consciência e da produção do conhecimento científico, indicam os pontos de contato e as possíveis trocas que poderei estabelecer com o supervisor.

Na minha primeira formação, em Química, iniciaram meus interesses pelas relações entre as abordagens filosóficas e científicas, que certamente moldaram minhas perspectivas teóricas. Os conhecimentos teórico e prático, em conjunto com a vivência em uma ciência empírica, foram cruciais para me inserir no universo das questões da filosofia da ciência.

Minha experiência como pesquisadora na área da filosofia iniciou-se ainda na graduação, como bolsista FAPERJ de Iniciação Científica/IC quando examinei as convergências entre a filosofia de Espinosa e o pensamento do neurobiólogo António Damásio. Essa pesquisa estendeu-se ao domínio da biologia, de uma forma mais geral, quando, como bolsista CAPES de mestrado, elaborei a dissertação “A filosofia de Espinosa no pensamento de Damásio e de Atlan” (2013). Damásio e o biólogo Henri Atlan reconhecem uma forte ligação entre as suas ideias, provenientes de trabalhos empíricos, e algumas teses espinosistas. Tais teses concentram-se nas Partes I, II e III da *Ética* (2008 [1675], que tratam, respectivamente, da metafísica de Espinosa (Parte I), da natureza e origem da mente (Parte II) e dos afetos (Parte III), que foram relacionadas aos

conceitos de “auto-organização”, “monismo”, “emoção”, “sentimento” e “consciência” das ciências biológicas.

No doutorado, como bolsista CNPq e FAPERJ TEC Nota 10, trabalhei numa investigação focada na interseção das neurociências com a filosofia da mente, mais estritamente, com os temas da origem da consciência e suas relações com as emoções, sentimentos e afetos dos animais não humanos. Como já anteriormente descrito, investiguei a neurociência afetiva Jaak Panksepp em perspectiva com o trabalho de outros neurocientistas, psicólogos e etólogos e com as diferentes abordagens filosóficas que se debruçam sobre a “neurofilosofia” pankseppiana. Em 2018, ainda no doutorado, participei do curso de verão - *The other minds problem: animal sentience and cognition* - Institut des sciences cognitives, Université du Québec à Montréal/UQAM ([Home | UQAM / ISC 2018 Summer School in Animal Cognition - The other minds problem: animal sentience and cognition](#)), Canadá, que foi decisivo para ampliar e aprofundar meus conhecimentos acerca da sentiência e consciência animal.

Após o doutorado (a partir de 2020) dei continuidade a minha participação no “Grupo de estudos em Filosofia das Ciências CTS/UERJ”, sob a coordenação do Prof. Dr. Antonio Augusto Passos Videira, Grupo responsável pela publicação *Em construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência* ([Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência \(uerj.br\)](#)), da qual faço parte do corpo editorial.

Ainda em 2020, fiz um estágio teórico e voluntário na organização sem fins lucrativos *Animal Ethics* [Animal Ethics \(animal-ethics.org\)](#), pesquisando o tema da sentiência dos artrópodes. No ano seguinte, participei, remotamente, do grupo de estudos do Laboratório do Bem-Estar Animal/LABEA da Universidade Federal do Paraná/UFPR [Laboratório de Bem-estar Animal \(ufpr.br\)](#), onde tive contato mais significativo com obras canônicas dos estudos animais.

Desde 2020, mantenho a ligação com o estudo das emoções participando como pesquisadora colaboradora do Projeto de Pesquisa “Solidão, reatividade defensiva e motivação pró-social”, desenvolvido em parceria pelos “Laboratório Integrado de Pesquisa em Estresse/LINPES do Instituto de Psiquiatria/IPUB-UFRJ” e “Laboratório de Neurobiologia do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho/UFRJ”, sob a supervisão da Profa. Dra. Eliane Volchan ([Laboratório de Neurobiologia II \(NEUROII\) - Pesquisa e Programas Temáticos \(ufrj.br\)](#)).

Atualmente, leciono as disciplinas: (i) “História e Filosofia” na Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do RJ/CECIERJ, no curso História da UNIRIO ([Fundação CECIERJ - Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro](#)); (ii) “Senciência animal e a Ciência do Bem-estar-Animal”, no curso de Especialização em “Avaliação do comportamento e sua aplicação no bem-estar animal” da Pontifícia Universidade Católica/PUC-PR. Atuo também como orientadora de Trabalhos de Conclusão (TCC) no Curso EAD de História da UNIRIO.

5. Impacto

A pesquisa a ser desenvolvida irá contribuir em diversos aspectos relacionados à minha carreira como pesquisadora e professora de filosofia: (i) Um salto qualitativo em relação à aquisição de novos conhecimentos devido à possibilidade de pesquisar em tempo integral sob ótimas condições materiais, que serão proporcionadas pela Universidade de São Paulo; (ii) O desenvolvimento das minhas habilidades como pesquisadora e como professora, devido às experiências adquiridas tanto no ambiente da USP, como também no ambiente cultural da cidade de São Paulo. Esse enriquecimento das minhas aptidões profissionais, certamente me capacitarão para concorrer a melhores posições no mercado de trabalho; (iii) O tempo disponível e o bom ambiente de estudo me possibilitarão escrever, divulgar os resultados da pesquisa, participar de seminários, ministrar aulas, quando convidada, e coordenar um ciclo de debates sobre o tema do “Negacionismo do sofrimento animal” em colaboração com instituições brasileiras (ver tópico 6.1); (iv) Expandir a divulgação dos resultados da pesquisa a organizações não governamentais com as quais tenho boas relações como o Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal, *Animal Ethics* e *Mercy for Animals*.

5.1. Contribuições da Pesquisa

Mesmo com inúmeros estudos e publicações acerca do bem-estar animal, as mudanças de hábitos ainda são muito pouco expressivas no ambiente cultural mundial. Por isso, a implementação e publicização da presente pesquisa, por si só, já se constitui em contribuição positiva para enriquecer o debate público acerca da maneira instrumental com que os animais humanos se relacionam com os animais não humanos.

A importância e a magnitude da pesquisa estão relacionadas intimamente com os objetivos e o alcance que seus resultados podem ter na sociedade. Buscar compreender *os mecanismos envolvidos na atitude humana de indiferença em relação às condições de vida e morte dos animais* é tentar trazer à tona crenças desconhecidas e arraigadas, que produzem um abismo entre humanos e animais. Só através do conhecimento do que de fato os seres humanos negam, será possível criar empatia em relação a outras espécies e diminuir, com o desejo de acabar, a banalização do sofrimento dos animais não humanos.

De outra forma, mesmo que uma pesquisa seja genial, se ela não chegar aonde ela deve, se ela não alcançar um público expressivo, é como se ela não existisse. A pesquisa só pode gerar transformações no pensamento e nas ações sociais efetivas quando ela é apresentada de forma acessível ao maior número de pessoas possível. É por isso que idealizei um plano de comunicação que conta com atividades diversificadas de divulgação, para o meio acadêmico, para as instituições que atuam na defesa das causas animais e para o público de maneira geral. Na medida em que mais amplamente essas ações se disseminam, maior é a probabilidade de participação na elaboração de políticas públicas.

6. Implementação

6.1. Plano de atividades

O presente plano de atividades é dividido em três Módulos de Trabalho e para cada módulo são previstas algumas atividades. O primeiro módulo envolve uma revisão da bibliografia (A1) ampliada em relação àquela realizada para a elaboração deste projeto, o início da leitura dos textos (A2) mais relevantes selecionados e a organização do material pesquisado (A3). Nessa primeira etapa, ainda ocorrerão a 7ª Jornada de Filosofia da Ciência da Mente e do Encéfalo e a publicação de um artigo para o site da *Animal Ethics*. São estimados seis meses para a realização das tarefas programadas para o primeiro módulo.

Nos doze meses seguintes, correspondentes ao segundo Módulo de Trabalho, as atividades do projeto de pesquisa se concentrarão em aprofundar a análise dos conceitos envolvidos na pesquisa através de leituras concentradas em questões específicas (A4), da redação de textos (A5) e da preparação de material para a divulgação dos resultados

obtidos (A6). Ocorrerão ainda nesse segundo módulo participações em conferências, seminários, ciclo de debates e minicurso.

No terceiro módulo, que acontecerá nos seis meses restantes do trabalho, os esforços serão concentrados em organizar os resultados finais da pesquisa. Em paralelo com a redação de textos e materiais (A7) para comunicar os resultados obtidos, como a artigo para jornal brasileiro e a elaboração de um vídeo divulgando as conclusões da pesquisa. Ocorrerá, ainda nesse período, a busca de um posto de trabalho (A8) em instituições acadêmicas, governamentais ou em organizações não-governamentais.

6.2. Relação das atividades

JFC – 7ª Jornada de Filosofia da Ciência da Mente e do Encéfalo

Data do evento: 05/2023

C1 – *International Conference on Philosophy of Animal Minds and Animal*¹

Consciousness, Amsterdam

Data do evento: 21-22/01/24

Data final para submissão: 31/07/2023

[International Conference on Animal Minds and Animal Consciousness ICAMAC in January 2024 in Amsterdam \(waset.org\)](https://www.waset.org/conferences/icamac-2024)

C2 – *International Conference on Animal Welfare and Wild Animals*, Roma²

Data do evento: 03-04/06/2024

Data final para submissão: 31/07/2023

[International Conference on Animal Welfare and Wild Animals ICAWWA in June 2024 in Rome \(waset.org\)](https://www.waset.org/conferences/icawwa-2024)

MC – Realização Minicurso: “Emoção e senciência animal” – 6 aulas de 2h

Data: 08/2024

CD – Organização de Ciclo de Debates: O negacionismo do sofrimento animal

Ciclo de debates, *online*, sobre as relações entre o negacionismo do sofrimento e a perpetuação de práticas cruéis com os animais;

Data: 03/2024

¹ Atividade condicionada à obtenção de recursos financeiros;

² Atividade condicionada à obtenção de recursos financeiros;

Possíveis instituições organizadoras ou apoiadoras: Forum Nacional de Proteção e Defesa Animal; Pontifícia Universidade Católica, Paraná/PUC-PR; Laboratório de Bem-Estar Animal (LABEA)/UFPR; *Animal Ethics*

SIC – Seminários de Iniciação Científica no interior do Departamento de Filosofia – USP

Data: 09-11/2023

A1 – Artigo para site da *Animal Ethics* (animal-ethics.org)

Data de publicação: 07/2023

A2 – Artigo para jornal brasileiro

Data de publicação: 10/2024

V1 – Vídeo divulgando as conclusões da pesquisa para site LABEA/UFPR

Data: 02/2025

6.3. Cronograma

Meses do Programa de Pesquisa	1 Mar 23	2 Abr 23	3 Mai 23	4 Jun 23	5 Jul 23	6 Ago 23	7 Set 23	8 Out 23	9 Nov 23	10 Dez 23	11 Jan 24	12 Feb 24	13 Mar 24	14 Abr 24	15 Mai 24	16 Jun 24	17 Jul 24	18 Ago 24	19 Set 24	20 Out 24	21 Nov 24	22 Dez 24	23 Jan 25	24 Feb 25
Módulo de Trabalho 1																								
A1 Revisão bibliográfica																								
A2 Leitura																								
A3 Organização da bibliografia selecionada																								
Módulo de Trabalho 2																								
A4 Leitura e análise conceitual																								
A5 Escrita																								
A6 Preparação de material de apresentações e comunicação																								
Módulo de Trabalho 3																								
A7 Preparação de material final																								
A8 Busca de posto de trabalho																								
Apresentações																								
Jornada			JFC																					
Seminários							SIC	SIC	SIC															
Conferências											C1					C2								
Mini-curso																	MC							
Divulgação																								
Artigos					A1															A2				
Vídeo em mídia social																								V1
Ciclo de Debates													CD											

7. Referências Bibliográficas

- ANDREWS, K.; HUSS, B. “Anthropomorphism, anthropectomy, and the null hypothesis”. *Biology & Philosophy*, v. 29, n. 2 (2014).
- BALCOMBE, J. *What a fish knows: The inner lives of our underwater cousins*. New York: Scientific American, 2016.
- BEKOFF, M. *The Emotional Lives of Animals*. California: New World Library, Ed. Kindle, 2007.
- BUCKNER, C. “Morgan’s Canon, Meet Hume’s Dictum: Avoiding Anthropofabulation in Cross-Species Comparisons”. *Biology & Philosophy*, v. 28, n. 5 (2013).
- COETZEE, J.M. *The Lives of Animals*. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- COHEN, S. *States of Denial Knowing about Atrocities and Suffering*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- CORRÊA, M. F. “A neurociência afetiva de Jaak Panksepp: uma investigação sobre a gênese emocional da consciência”. Tese de Doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.
- _____. “A filosofia de Espinosa no pensamento de Damásio e de Atlan”. Dissertação de Mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.
- CORRÊA, M. F.; PESSOA JR., O. F. Os afetos emocionais segundo Panksepp, comparados com Damásio e com o materialismo observacional. in: *Cognição, emoções e ação* / Marcos Antonio Alves (org.). – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019; p. 279-310.
- DAVID, M. G.; CORRÊA, M. F. “As diversas faces da dúvida - ceticismo, negacionismo e confiança nas ciências”. *Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, v. 8, p.158 - 172, 2020. (doi.org/10.12957/emconstrucao.2020.54268)
- CUNHA, L. C. *Razões para Ajudar: O Sofrimento dos Animais Selvagens e suas Implicações Éticas*. Editora Appris, 2022.

- DAMÁSIO, A. *Em busca de espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Tradução do autor. Adaptação para o português do Brasil de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *E o cérebro criou o homem*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução portuguesa de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DANOWSKI, D. *Negacionismos*. São Paulo: n-1 edições (série Pandemia), 2018.
- DANOWSKI, D. & VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro (Florianópolis): ISA e Cultura e Barbárie, 2014.
- DONALDSON, S.; KYMLICKA, W. *Zoopolis: A Political Theory of Animal Rights*. New York: Oxford University Press Inc., 2011.
- DE WAAL, F. *Are we smart enough to know how smart animals are?* New York: Norton & Company, 2016.
- _____. *Mama's last hug: Animal emotions and what they tell us about ourselves*. New York: Norton & Company, 2019.
- DECKERS, J. *Animal (De)liberation: Should the Consumption of Animal Products Be Banned?* London: Ubiquity Press, 2016.
- DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: Enesp, 2011.
- ELIAS, N. *The Civilizing Process*. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.
- FELMAN, S. "In an era of testimony: Claude Lanzmann's Shoah". *Yale French Studies*, 78, 1971: 39-81.
- FREUD, S., "A negação". in *Obras Completas*, vol. 16 – O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- GODFREY-SMITH, P. *Outras Mentes: O Polvo e a origem da consciência*, São Paulo: Todavia, 2016.

- GRIFFITHS, P. E. *What emotions really are: the problem of psychological categories*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.
- GRUŠOVNIK, T.; SPANNRING, R.; SYSE, K. L. (Editors) *Environmental and Animal Abuse Denial: Averting Our Gaze*. London: Lexington Books, 2021.
- GRUŠOVNIK, T. Skepticism and Animal Virtues Denialism of Animal Morality. in: GRUŠOVNIK, T.; SPANNRING, R.; SYSE, K. L. (Editors) *Environmental and Animal Abuse Denial: Averting Our Gaze*. London: Lexington Books, 2021, p. 55-70.
- BJÖRNBERG, K. E.; KARLSSON, M.; GILEK M. and HANSSON, S. O. “Climate and Environmental Science Denial: A Review of the Scientific Literature Published in 1990–2015.” *Journal of Cleaner Production* 167 (2017): 229–41. doi:10.1016/j.jclepro.2017.08.066.
- HARRISON, R. *Animal Machines*. London: Stuart (Vincent) & J. M. Watkins, Ltd, 1964.
- HUGHES, E.C. “Good People and Dirty Work”. *Soc. Probs.* 1962, 10, 3-11.
- KORSGAARD, C. M. *Fellow Creatures: Our Obligations to the Other Animals*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- LEDOUX, J. *The Emotional Brain: The Mysterious Underpinnings of Emotional Life*. New York: Simon & Schuster, 1998.
- LLOYD MORGAN, C. “Other Minds than Ours”. Chapter 3 in *An Introduction to Comparative Psychology* (New Edition, Revised). London: Walter Scott Publishing (1903): 36-59, disponível em: https://brocku.ca/MeadProject/Morgan/Morgan_1903/Morgan_1903_03.html, acessado em: 04/12/2020, às 12:34h.
- MERKER, B. “Consciousness without a cerebral cortex: A challenge for neuroscience and medicine”. *Behavioral and Brain Sciences* (2007) 30, 63–134.
- MORRINSON, E.W.; MILLIKEN, F.J. “Organizational Silence: A Barrier to Change and Development in a Pluralistic World”. *Acad. Manag. Rev.* 2000, 25, 706-725.

- NORGAARD, K.M. “People Want to Protect Themselves a Little Bit: Emotions, Denial, and Social Movement Nonparticipation”. *Sociol. Inquiry*, 2006, 76, 372-396.
- NORTHOFF, G. *Neuro-Philosophy and the Healthy Mind: Learning from the Unwell Brain*, New York: W. W. Norton & Company, 2016.
- NOSKE, B. *Humans and Other Animals*. London: Pluto Press, 1989.
- _____. *Beyond Boundaries: Humans and Animals*. Montreal: Black Rose Books, 1997.
- ORESQUES, N. “The Scientific Consensus on Climate Change”. *Science*. vol. 306, issue 5702, Dez/2004, p. 1686.
- _____. *Why trust science*. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- ORESQUES, N; CONWAY, E. *Merchants of doubt: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming*. New York: Bloomsbury Press, 2010.
- PANKSEPP, J., BIVEN, L. *The archaeology of mind: neuroevolutionary origins of human emotions*. New York: London: W. W. Norton & Company, 2012.
- PANKSEPP, J. *Affective neuroscience: the foundations of human and animal emotions*. New York: Oxford University Press, 1998.
- PATTERSON, C. *Eternal Treblinka: Our Treatment of Animals and the Holocaust*. New York: Lantern Books, 2002.
- PESSOA JR., O. F. “The colored-brain thesis”. *Unisinos Journal of Philosophy*, v. 22, n. 1, 2021, p. 84-93.
- _____. “How to measure a quale”. *Sofia*, Vitória (ES), v.8, n.1, Jan./Jun. 2019, Dossiê Filosofia da Mente e da Linguagem, v. 8, n. 1, 2019, p. 187-198.
- ROQUE, T. “O negacionismo no poder”, *Revista Piauí*, 161, Fev/2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>>. Acesso em: 03/09/2020.
- ROWLANDS, M. *Can Animals be Persons?* New York: Oxford University Press, 2019.
- SANTOS, A. L. M. dos. *A Natureza da Acção: Elementos para uma neurofilosofia do agir*, Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2016.

- SEE, A. Human Uniqueness, Animal Minds, and Anthropodenial. in: GRUŠOVNIK, T.; SPANNRING, R.; SYSE, K. L. (Editors) *Environmental and Animal Abuse Denial: Averting Our Gaze*. London: Lexington Books, 2021, p. 71-88.
- SHEETS-JOHNSTONE, M. “Taking Evolution Seriously: A Matter of Primate Intelligence”, *Etica & Animali*, v. 8, 1996, p. 115-130.
- SHERIFF, R.E. “Exposing Silence as Cultural Censorship: A Brazilian Case”. *Am. Anthropol.* 2000, 102, 114-132.
- SINGER, P. *Libertação animal*. Tradução Marly Winckler, Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SORENSEN, J.; MATSUOKA, A. Political Economy of Denialism: Addressing the Case of Animal Agriculture. in: GRUŠOVNIK, T.; SPANNRING, R.; SYSE, K. L. (Editors) *Environmental and Animal Abuse Denial: Averting Our Gaze*. London: Lexington Books, 2021, p. 145-167.
- SPINOZA, B. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Edição Bilingüe: latim-português. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008 [1675].
- STEVENSON, P. *The Economics of Factory Farming*. PS/MJ/ART9857. Surrey: Compassion in World Farming, 2002.
- TOWNEND, C. *In Defence of Living Things*. Sydney: Wentworth Books Pty. Ltd, 1980.
- WEBER, K. *Food Safety Consequences of Factory Farms*. Philadelphia: Food & Water Watch, 2009.
- WICKS, D. “Silence and Denial in Everyday Life – The Case of Animal Suffering”. *Animals*. Basel: MDPI AG, 1 (2011), p. 186-199.
- ZERUBAVEL, E. *The Elephant in the Room: Silence and Denial in Everyday Life*. New York: Oxford University Press, 2006.